

UM ESTUDO MITOCRÍTICO DO CONTO “A HISTÓRIA DE BLIMUNDO” DE LEÃO LOPES (CABO VERDE)

Diene Kelly Oliveira Pereira*¹ (IC – dienekelly2019@gmail.com), Zilda Dourado Pinheiro¹ (PO)

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de apresentar um estudo mitocrítico do conto “A história de Blimundo” do escritor Leão Lopes (Cabo Verde), na perspectiva da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (2002). Tal estudo faz parte do projeto de Iniciação Científica, em andamento, na modalidade PBIC/UEG (2023-2024), intitulada de “Estratégias de leitura e de interpretação de conto literário para clubes de leitura on-line”. Assim sendo, o conto “A história de Blimundo” foi selecionado porque ele é uma narrativa popular de Cabo Verde, país africano que tem a língua portuguesa como oficial. Após essa seleção, o trabalho de análise foi feito a partir do levantamento dos traços mitológicos, em conformidade com a mitocrítica de Gilbert Durand (1996). Trata-se de uma metodologia de estudo dos mitos presentes em uma obra cultural, seja texto literário, filme, propaganda, fotografia, obra arquitetônica, etc. De acordo com Durand (2012), o mito é uma narrativa composta por símbolos e por arquétipos que subjazem a nossa cultura e as obras individuais. O método de estudo do mito consiste em analisar as metáforas, os símbolos, os personagens e traços da narrativa que podem atualizar uma narrativa mítica presente na nossa cultura. Desse modo, o conto “A história de Blimundo” de Leão Lopes atualiza o mito do mártir, tal como se vê nas narrativas de Nelson Mandela, Marthin Luther King, Mahatma Gandhi, Jesus Cristo. Essas histórias são de pessoas que se sacrificaram para defender um ideal coletivo de busca pela liberdade, pelo fim das opressões sociais. Assim, o personagem Boi Blimundo protagoniza uma história em que ele simboliza a luta de Cabo Verde pela independência de Portugal.

Palavras-chave: Mito. Antropologia do Imaginário. Mártir. Cabo Verde. Independência

Introdução

Este trabalho faz parte de um projeto de Iniciação Científica, em andamento, na modalidade PBIC/UEG (2023-2024), intitulado de “Estratégias de leitura e de interpretação de conto literário para clubes de leitura on-line”. Um dos objetivos desse projeto é o de “criar um roteiro de leitura e de interpretação de conto literário para clubes de leitura on-line”. Desse modo, o objetivo do presente trabalho é o de realizar uma análise do conto “A história de Blimundo” de escritor Leão Lopes (Cabo Verde), segundo a mitocrítica desenvolvida por Gilbert Durand (2002).

Esse conto é uma narrativa popular de Cabo Verde. Conta a história do Boi Blimundo, um ser forte, alegre, que vivia em um reino tirano e opressor. Por isso, ele começou a fazer pregações sobre a liberdade dentro da comunidade dos bois. Quando o Senhor Rei soube do engajamento de Blimundo pela liberdade, convocou o exército e mandou capturar e matar esse boi. Contudo, todas as tentativas de subjugar Blimundo não obtiveram êxito. O Senhor Rei estava desesperado, quando

apareceu um jovem disposto a ludibriar o Blimundo. E assim foi feito, o jovem cantou uma canção que prometia o amor da Vaquinha de Praia e boa vida ao Boi Blimundo. Este foi seduzido até o palácio, quando se viu em uma emboscada. Apesar de ter conseguido matar o Senhor Rei com um coice, Blimundo não resistiu à traição do jovem e morreu.

A partir dessa história, este trabalho analisa os traços míticos subjacentes ao seu discurso, segundo a perspectiva da Mitocrítica, de Gilbert Durand (1996). Trata-se de uma metodologia de estudo dos mitos, formulada dentro do campo teórico da Antropologia do Imaginário, teoria que estuda as motivações simbólicas dos seres humanos. De acordo com Durand (2002), o imaginário é um conjunto de imagens e de suas relações presentes no psiquê humana, em suas dimensões sociais, biológicas e psicológicas. Este é operacionalizado pela imaginação, considerada aqui como uma faculdade de assimilar, de reproduzir, de categorizar, e de criar as imagens. As imagens são uma impressão psíquica proveniente da interação do nosso corpo com o nosso meio social e cósmico, por isso elas têm um caráter visual, olfativo, tátil, degustativo e auditivo. Além disso, essas imagens se materializam em símbolos presentes em todas as produções humanas da nossa comunidade. Por isso o imaginário pode ser analisado em uma perspectiva individual e em uma perspectiva coletiva.

Na perspectiva individual, analisa-se o imaginário individual em sua composição. Durand (2002) afirma que o nosso psiquismo se assenta em três gestos dominantes: a verticalidade, a cópula e a deglutição, segundo a Reflexologia de Betcherev. Esses três gestos criam os arquétipos, tal como define a Psicologia Análítica de Carl Gustav Jung, como as imagens universais presentes no inconsciente coletivo. Os arquétipos permitem o agrupamento das imagens em estruturas, denominadas por Durand (2002) de regimes diurno e noturno.

O regime diurno agrupa as imagens ligadas ao arquétipo do herói. As imagens apresentam o sentido da antítese, do heroísmo, da autoridade, do poder e da luminosidade. Este regime também agrupa os símbolos que figurativizam o mal, expresso na simbologia dos animais, da noite das trevas e da queda moral. Já o regime noturno agrupa as imagens ligadas ao arquétipo da grande mãe. As imagens apresentam o sentido da intimidade, da introspecção, da miniaturização, da nutrição,

dos ciclos da vida e das metamorfoses. Esses arquétipos e símbolos configuram-se em uma narrativa, denominada por Durand (2002) de mito.

O equilíbrio entre os regimes diurno e noturno em nosso psiquismo faz com o imaginário tenha uma função de eufemizar a angústia do seu humano diante da passagem do tempo até a morte, pois imaginar significar criar, por isso é possível analisar o imaginário em diferentes produções humanas, a partir de suas narrativas. Essas narrativas carregadas de símbolos e de arquétipos são os mitos que estão no sentido implícito ao discurso de várias obras culturais.

A partir disso, considerando a vivência em sociedade, também é possível falar de um imaginário presente na cultura de um grupo social. É aqui que se considera o estudo dos mitos, sistematizado por Durand (1996) em uma metodologia chamada de Mitodologia. Esta estuda o mito na cultura em duas partes: a mitocrítica e a mitanálise. A mitocrítica é o estudo do mito em uma obra, a partir do levantamento dos seus mitemas. Já a mitanálise é o estudo do mito em uma sociedade, a partir de vários estudos de mitocrítica realizados nas obras de um grupo social em determinada época.

No caso de um texto verbal, o estudo do mito parte do estudo dos símbolos, que estão materializados nas metáforas expressas pelo texto. Por isso, um estudo do imaginário em um texto verbal deve ser feito a partir do levantamento dos substantivos e dos verbos, de modo a identificar as metáforas. Essas metáforas irão direcionar qual é o regime predominante e quais são os elementos míticos presentes na obra. Como veremos a seguir.

Considerações Metodológicas

Como foi dito anteriormente, a mitocrítica é o estudo de um mito presente em uma determinada obra. Durand (1996) postula que é preciso levantar os mitemas presentes em um texto para determinar o seu mito diretivo. O Mitema é um elemento de uma narrativa mítica, por exemplo: um personagem, um trecho da narrativa, um símbolo. Esses mitemas juntos constroem uma história dentro da história, isto é, um mito que é atualizado pela narrativa.

Seguindo esse procedimento, esta pesquisa encontrou os seguintes mitemas na narrativa de Blimundo: o próprio Blimundo em sua luta pela liberdade de seu povo, o rei tirano, a perseguição, a traição e o assassinato.

Resultados e Discussão

Esse primeiro levantamento dos mitemas presentes no conto “A história de Blimundo” configuram o mito do mártir, narrativa muito comum na sociedade ocidental. O mártir é uma pessoa líder de um grupo que sofre diferentes tipos de violência – ou perde a própria vida - por defender uma causa coletiva, pelo seu engajamento e pela sua resistência. Blimundo apresenta todas essas características relacionadas ao martírio:

Blimundo, filho das rochas, possante, calmo e sabedor do mundo, amante da vida e da liberdade, era boi respeitado por todos os seus iguais, e não só, pelas ribeiras, pelos campos e pelas vertiginosas montanhas. Amigo da harmonia em todas as coisas, Blimundo nada fazia que contrariasse a justiça e a ordem natural da evolução da vida. Tinha seu próprio entendimento do mundo e da liberdade, que defendia no cotidiano, pelos picos, pelas bordas e assomadas. (LOPES, 2013, p.47)

Esse trecho demonstra o personagem Blimundo como um líder de sua comunidade. Além disso, a descrição do personagem acrescenta um perfil humanista, o que também está de acordo com a figura do mártir, pois este sempre é uma pessoa humanista em prol da liberdade de seu grupo social. Esse humanismo é o que faz com que os opressores iniciem a perseguição, tal como fez o Senhor Rei com Blimundo:

Um Rei é um Rei!

Um boi é um boi!

- E, se mando cortar a cabeça de um boi para o meu jantar, têm que me obedecer! – Pensava alto e irritado o Senhor Rei. –

Guarda, reúne os soldados, e que me tragam Blimundo, vivo ou morto! – ordenou o Rei.

(LOPES, 2013, p.48)

Após a perseguição, outro elemento importante na narrativa mítica do Mártir é a traição, seguida de seu assassinato. Na “História de Blimundo”, essas passagens são contadas a partir do momento em que um jovem se propõe a capturar o Boi, cantando uma música que promete o amor da Vaquinha de Praia e uma vida boa para o casal. Blimundo fica totalmente seduzido pela canção e pela promessa, tanto que,

infelizmente, segue o jovem até o reino, já cercado de soldados, a mando do Senhor Rei.

Blimundo deixa-se embalar quase como num sonho, e num ápice, com um terrível e certo golpe de navalha do barbeiro-carrasco, fica o plano consumado. É traiçoeiramente assassinado Blimundo. Seu corpo cai para um lado, e, num estrebuchar de revolta e violência, uma bela patada traseira de toneladas de força atinge o Senhor Rei, que perde aí o seu reinado. O rapazinho e o barbeiro fogem despavoridos, mas jamais iriam esquecer o último olhar de revolta de Blimundo, o último olhar que os havia de perseguir eternamente. Blimundo cantou no seu derradeiro fôlego. Cantou na agonia do momento a sua última canção, profunda e condenadora, bela e terrivelmente melancólica, que jamais deixaria de condenar os seus assassinos. (LOPES, 2013, p.56)

Esse trecho demonstra a crueldade do assassinato do Mártir, em frente a uma multidão. Essa é a última parte da expiação de Blimundo, pois a sua morte também fez com o reino perdesse um líder tirano e opressor. Desse modo, é possível reconhecer o valor positivo que esses mártires deixam de legado para a sociedade. Tal como se vê no trecho a seguir:

E, no grande banquete após a tragédia, cada bocado de carne no prato dos convivas levava o sabor da revolta e da bela e condenadora canção que imortalizaria Blimundo, esse sabedor do mundo e das coisas, amante da vida e da liberdade, amigo da beleza e da harmonia e que nada fazia que contrariasse a justiça e as leis da natureza. Esta é a história de Blimundo. (LOPES, 2013, p.56)

O levantamento dos mitemas presentes no conto “A história de Blimundo” configuram o mito do Mártir. Além disso, Durand (1996) demonstra que o mito tem uma função pedagógica de trazer ensinamentos sobre a vida, sobre as relações, sobre o cosmos e sobre o meio ambiente. Desse modo, percebemos aqui a lição de que a luta pela liberdade é frágil diante dos impactos da opressão na vida afetiva dos líderes, no caso, o ponto fraco do Boi Blimundo. Ainda assim, a sua morte demonstra que os valores de luta se sobrepõem e se mantêm no meio social, como uma resistência ao *status quo* posto. Em razão de tudo isso, o escritor Leão Lopes diz que essa narrativa simboliza a luta de Cabo Verde pela independência de Portugal.

Considerações Finais

Este trabalho ainda está em andamento no sentido de que são necessários novos contos e novas análises para elaborar um roteiro de leitura e de interpretação para clubes de leitura on-line. Ainda assim, a análise do conto “A história de Blimundo” de Leão Lopes mostrou como a mitocrítica pode ser uma metodologia eficiente para a interpretação de textos literários.

Além do mais, os mitos são narrativas presentes em nosso meio social em várias materialidades. No caso do conto em questão, a narrativa do Mártir pode ser reconhecida na biografia de vários líderes políticos, tais como: Martin Luther King, Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, Marielle Franco, etc. Esse trabalho comparativo mostra como os mitos podem trazer ensinamentos importantes sobre a dinâmica das sociedades na atualidade.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás pela concessão da bolsa de Iniciação Científica na modalidade PBIC/UEG; ao Centro de Idiomas e ao LABEL – Laboratório de Estudos da Linguagem, ambos do curso de Letras da UEG – Câmpus Sudoeste, por todo o apoio técnico e pedagógico para o desenvolvimento das nossas pesquisas.

Referências

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

LOPES, Leão. A história de Blimundo. In: GONÇALVES, Zetho Cunha (org). **Dima, o passarinho que criou o mundo**: mitos, contos e lendas de língua portuguesa. Ilustrações: Angelo Abu. São Paulo: Melhoramentos, 2013. P. 47 – 56.